

“Estar” segurança de festa: uma etnografia sobre o processo de aprendizagem dos agentes de segurança das principais casas noturnas de Florianópolis

Daniel Machado da Conceição
Mestre em Educação/PPGE-UFSC
Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais/UFSC

Resumo

O trabalho apresenta parte da etnografia realizada entre os anos de 2009 a 2013, enquanto desempenhava o papel de agente de segurança ao participar de festas noturnas na cidade de Florianópolis/SC. O objetivo consiste em relatar parte da experiência do pesquisador durante o processo de formação como agente de segurança, que envolve a passagem de novato a veterano. O trabalho prevê um olhar sobre o profissional de segurança, a experiência pessoal em primeiro plano, a luz do conceito de comunidade de prática descrita por Jean Lave & Etienne Wenger (1991). A pergunta que se propõe a responder é: como acontece a aprendizagem dos agentes de segurança para atuação em eventos noturnos?

Palavras-chave: agente de segurança; aprendizagem situada; comunidade de prática; balada.

Abstract

This paper introduces part of the ethnography conducted between 2009 and 2013 regarding the role of the security agent at evening parties in the city of Florianópolis, Santa Catarina. The main goal is to report the researcher's experience during the training process as security agent, involving his evolution from rookie to veteran. The composition provides a look at the security professional, the personal experience in the foreground and the concept of the community of practice proposed by Jean Lave & Etienne Wenger (1991). The question we want to answer is: How does the learning of security agents assigned to work at evening parties happens?

Keywords: security agents; situated learning; community of practice; party.

Introdução

Este artigo desenvolve a apresentação de uma experiência mesclada entre a necessidade econômica e a descoberta etnográfica, que desvela um jogo entre as agruras de uma profissão reconhecida socialmente como subalterna e a incursão no processo de formação como pesquisador. Nesse ínterim, o desconforto entre “ser” e “estar” foi provocado inúmeras vezes devido à atuação deste pesquisador como agente de segurança em eventos festivos, durante os anos de 2009 a 2013, ocorridos em cinco casas noturnas da cidade de Florianópolis/SC, das quais três compõem um mesmo complexo de entretenimento.

As casas noturnas em que realizei a etnografia estão localizadas na parte insular da cidade de Florianópolis/SC, em bairros reconhecidos por receber um estrato social de alto poder aquisitivo, cujo público, em sua maioria, está entre os 18 e 40 anos de idade, sendo que as festas realizadas nestes espaços são chamadas de “baladas”¹ e, em geral, possuem a predominância de música eletrônica. Tais festas acontecem nos finais de semana (sexta-feira e sábado), exceto no período de verão (temporada), em que podem ser organizadas em outros dias da semana. Algumas dessas casas noturnas concentram clientes com alto poder aquisitivo, os quais buscam o reconhecimento de seu status social e a externalização de privilégios a tal ponto que o reconhecimento adquirido por esses estabelecimentos está diretamente relacionado ao destaque atribuído aos frequentadores ‘seletos’ ou VIPs.² Isto significa que a frequência de personalidades famosas como atores, atrizes e atletas, políticos, profissionais liberais e inúmeros empresários, valoriza o espaço e o tipo de festa. Esse destaque ao público evidencia uma atmosfera distinta daquela em que os seguranças estão acostumados a vivenciar em seu dia a dia e, mesmo reconhecendo que determinados valores sociais sejam compartilhados pela sociedade como um todo, a distinção de classe é um marcador primordial das relações dentro do ambiente festivo pois há indivíduos que estão para “curtir” a festa e se divertir, enquanto outros estão para “servir” e garantir a diversão.

A proposta do artigo almeja, assim, descrever a incursão em uma comunidade de prática marcada por características próprias e que exige a construção de um metier de profissional para segurança. O objetivo foi relatar parte da experiência do pesquisador durante o processo de formação como agente de segurança, que envolve a passagem de novato a veterano, processo de aculturação e socialização vivenciado entre os anos citados. Nesse período da observação participante, eu finalizava a graduação em Ciências Sociais e iniciava o mestrado em Educação, instrumentalizando-me como pesquisador de maneira concomitante à formação e à vivência de segurança em eventos.

O desafio primordial da “viagem etnografia” que passei a enfrentar diz respeito a dois estranhamentos. O primeiro, relacionado à entrada em um mundo novo e por que não

1 As casas noturnas geralmente realizam festas com predominância de música eletrônica, assim são chamadas comumente de baladas. Elas ocorrem em sua maioria à noite, em ambientes fechados ou a céu aberto semelhante às festas *rave*. Embora a música na *rave* e na balada sejam semelhantes, sua distinção está no local onde ocorrem, a primeira é realizada normalmente fora da área urbana marcando uma subjetividade de contato com a natureza, enquanto a balada ocorre em local fechado, protegido e bem delimitado. Embora a predominância de música eletrônica com DJs reconhecidos no país e no cenário mundial, algumas destas casas possuem espaços onde outros eventos podem ser realizados com temática, público e ritmos diversos envolvendo o samba, pagode, reggae, funk, sertanejo e MPB.

2 VIP é abreviação para expressão inglesa “*Very Important Person*”.

exótico, cheio de luzes, cores, cheiros, códigos comportamentais e também, em boa parte, composto pela monocromia referente ao uniforme dos agentes de segurança ou de outros profissionais “serviçais” pertencentes às baladas, os quais devem ser invisibilizados durante o evento. O segundo diz respeito ao momento em que tudo passa a ser familiar, quando então acontece a apropriação do meio para que, no instante seguinte, possa novamente ser estranhado para produzir uma interpretação sobre o momento festivo e os sentidos que são atribuídos pelos profissionais que trabalham na noite como agentes de segurança. Um exercício de observar aquilo que se torna agora familiar, que exige um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia (Velho 1997: 123). Porém, todo esforço para ser bem-sucedido no empreendimento depende do quanto o pesquisador está “inclinado ou apto para trabalhar com maior ou menor grau de proximidade de seu objeto” (Velho 2003: 18). A partir dessa constatação, entramos então em outra seara na qual o pesquisador passa a ser o objeto, encarando sua subjetividade, as relações construídas, as trocas e a necessidade de “descobrir o outro” por meio do poder de “sedução”. Sedução que “toma formas variadas dependendo do grupo e do nível de identificação do antropólogo com seus informantes” (Grossi 1992: 15). Tal situação passa pelo sentimento de indignação com injustiças no ambiente de trabalho, no compartilhar de uma guloseima, nas dores de cabeça em razão do som alto, nos pés e nas pernas inchados pelo tempo longo em pé, no compartilhar de bebidas, no controle das necessidades fisiológicas, na eterna briga com o sono, no sentir frio, sentir calor, no estar encharcado de suor ou de chuva com os pés molhados, nos importunos pernalongos, nas caronas para deslocamento até o evento, nas ausências de trabalho, no desrespeito de clientes, nos conflitos com frequentadores, na falta de dinheiro para pegar um ônibus, ou mesmo na fome e sede durante um longa jornada de trabalho. Todas essas situações permitem conhecer e descobrir o outro através da empatia e, mais que isso, permite conhecer a si mesmo, reconhecendo e compartilhando limites e as agruras de uma profissão chave na realização de eventos festivos. Portanto, o pesquisador não possui a capacidade de ser neutro quanto à objetividade de suas interpretações, assim quero utilizar as palavras de Gilberto Velho para justificar o desenvolvimento do texto:

Estou consciente de que se trata, no entanto, de uma interpretação e que, por mais que tenha procurado reunir dados “verdadeiros” e “objetivos” sobre a vida daquele universo, a minha subjetividade está presente em todo o trabalho. Isso está claro para mim na medida em que volto constantemente a reexaminar a pesquisa e mesmo a revisar o local de investigação (Velho 1997: 131).

A veemência do tema se cristaliza a partir das atuações como profissional de segurança ao trabalhar nos finais de semana em casas noturnas. As características físicas pessoais permitiram a entrada no campo considerado no início como uma nova fonte de renda, porém o olhar treinado como descrito por Roberto Cardoso de Oliveira (2000: 19), durante o trabalho noturno, instrumentalizava o pesquisador, revestido do papel de segurança, a dar destaque aos lugares, espaços e comportamentos marcados dentro do ambiente das festas. Assim, sensibilizado pelas teorias estudadas durante a formação como Cientista Social, as observações foram se aprofundando e descortinando a teia de relações construída durante a dinâmica dos eventos.

O foco primordial do texto está no desenvolvimento de uma etnografia que, anterior à etnologia e à antropologia, permite descrever inicialmente o campo investigativo sem se aprofundar nas análises comparativas ou mesmo criar modelos ou teorias de conhecimento para compreender a cultura humana (Aguirre 1997: 4). O trabalho prevê um olhar sobre os profissionais de segurança, ao colocar a experiência pessoal em primeiro plano, à luz dos conceitos de comunidade de prática (Lave & Wenger 1991), saberes profissionais (Dubar 1997: 75), e socialização profissional (Plaisance 2003; Melo & Valle 2013). A pergunta que propõe a responder é: como acontece a aprendizagem dos agentes de segurança para atuação em eventos noturnos na cidade de Florianópolis/SC?

As experiências vividas demonstram a incorporação de um ethos que se faz reconhecido entre os profissionais de segurança e os clientes das casas noturnas, ou seja, a internalização gradual de um sistema de códigos e símbolos partilhados a partir do reconhecimento de si e do outro, quanto à posição social desempenhada nos eventos. Aguirre (1997: 4) descreve como uma nova vivência cultural, “el etnógrafo, no sólo relativizará su etnocentrismo, sino que su vida se partirá em dos y ya no será, ni de ‘aquí’, ni de ‘allí’ totalmente”. Trata-se de um processo de socialização profissional que é externado na sociabilidade apresentada nas interações construídas nas longas horas durante a jornada de trabalho. Claude Dubar (1997) afirma que a identidade é produto de sucessivas socializações, sejam primárias, sejam secundárias, sejam profissionais. Por essa razão, descrever a construção de uma identidade profissional, que pode ser principal ou secundária, acionada nos momentos de “estar” segurança, parece ser pertinente.

Nessa perspectiva, o trabalho foi estruturado de maneira a guardar relação com um diário de campo, descrevendo de forma linear a entrada, aceitação e consolidação do pesquisador junto à comunidade de prática. Dessa maneira, a empiria passa a ser articulada com a teoria, ao ponto em que esta é mobilizada para apresentar as relações e interpretações do pesquisador. Apresento, assim, uma perspectiva sobre o trabalho de segurança em casas noturnas, pois “el trabajo de campo puede tomar tantas formas como antropólogos, proyectos y circunstancias haya” (Ghasarian 2008: 9).

O ambiente de atuação

Em trabalho anterior de título “Marretadas repetitivas: a continuidade e a remodelação de valores sociais em três casas noturnas de Florianópolis” (Da Conceição 2013), identifiquei as baladas como locais onde os integrantes de um determinado estrato social, aqui identificados como Vip, devem circular para serem vistos reforçando seu capital social, e esse parece ser um comportamento esperado dentro do padrão de consumo que é atribuído a essa classe. Os gastos exorbitantes ocorrem devido à pressão presente no grupo, o pertencimento conduz e exige o alto consumo, fazendo assim parte do jogo de relações. A ostentação é uma característica marcante da dinâmica em que os participantes disputam o status de pertencer ou de serem rebaixados dentro do círculo social, o que se configura numa busca incessante por honra e prestígio (Elias 2001).

Nesse cenário, considero a equipe de segurança como uma comunidade de prática a qual compartilha uma visão de mundo e conhecimentos característicos de uma socialização profissional. Posso dizer que iniciei minha participação periférica legítima (Lave & Wenger 1991) no papel de segurança, tendo a oportunidade de transitar por diversos postos de trabalho dentro da mecânica organizacional das casas noturnas. Tais postos abrangem o atendimento na portaria com informações e revista dos frequentadores, o atendimento a camarotes e o controle de acessos diversos às áreas reservadas para alguns clientes, bem como para o fluxo de funcionários. Assim, o contato com clientes e funcionários se fez constante, o que possibilitou descrever inúmeras formas de interação (Da Conceição 2013).

A diferenciação social no ambiente das casas noturnas é sentida na presença dos profissionais de segurança cujo uniforme, de modo ambivalente, lhes atribui a prerrogativa de limitar os acessos e inibir a desordem, bem como demarca sua função social subalterna frente aos estratos mais favorecidos dos frequentadores. Nesse momento, a expressão “sabe com quem está falando?” expõe os conflitos e hierarquias presentes na festa ou no rito de autoridade – um traço sério e revelador de nossa vida social (DaMatta 1997: 184). Essa frase deve ser rapidamente assimilada pelo agente de segurança, pois ele precisa aprender a exercer resiliência, uma vez que sua atuação será permeada por constantes afrontas hierárquicas expressas nessa frase que, pessoalmente, foram ouvidas inúmeras vezes enquanto eu atuava nas casas noturnas investigadas.

A festa como segurança

No início de 2009, um amigo que já trabalhava nos finais de semana, ou melhor, realizava “bicos”³ como segurança, durante uma conversa, faz uma sondagem para ver meu interesse em também trabalhar. Após algumas conversas, mesmo sabendo que eu não tinha o certificado do curso de vigilante ou de segurança, suas alegações desconsideravam esse fato e pautavam-se em características físicas e no estereótipo de negro, alto e de presença (porte físico), condição importante, conforme o relato etnográfico de Virgílio (2014) que, ao visitar uma das casas noturnas, logo percebeu “no ambiente a presença de quatro homens fisicamente muito desenvolvidos”, os profissionais de segurança, “responsáveis por conter eventuais desordeiros ou homens que ficam agressivos após o consumo de álcool, alucinógenos ou estimulantes” (Virgílio 2014: s/p.).

Depois de organizar detalhes em minha rotina pessoal e familiar, finalizo a preparação para trabalhar na madrugada aceitando o convite e, assim, insiro-me como segurança de casas noturnas na cidade de Florianópolis/SC. Após aceitar o convite, a primeira noite de atuação foi durante o carnaval de 2009, em uma festa de música eletrônica com 8 mil pessoas. Como prática inicial, orientações de meu amigo indicaram a maneira de proceder e reagir durante as conversas com outros colegas seguranças e posteriormente com os clientes. Por ser novato e não ter o curso de segurança, deveria ter atenção, falar o mínimo possível, posicionar-me o mais distante possível do grande grupo e responder sem-

3 Expressão utilizada para designar pequenos serviços ou trabalhos temporários de curta duração. Estes estão fora dos contratos formais com vínculo empregatício e são procurados para complementação da renda pessoal ou familiar.

pre com prontidão. Seu conselho caracteriza uma não predominância da linguagem oral e consequentemente uma ênfase na corporal, o que parece ser valorizado na comunidade, principalmente para novatos frente aos veteranos. Outra orientação indicava que deveria ir vestido com sapatos, meias, cinto e calça social preta, e a empresa de segurança então forneceria a camisa e uma gravata. Com as primeiras orientações, passo a vivenciar uma nova socialização e, como uma “criança”, começo a adaptar-me aos costumes e à linguagem dessa “nova cultura” ou comunidade.

Todos os candidatos a segurança, ao chegar na casa noturna com o objetivo de trabalhar, procuram o “QG” (quartel-general),⁴ que geralmente é uma pequena sala nos fundos dos estabelecimentos: os seguranças necessitam apresentar-se para o coordenador da noite. Logo, organizados em fila, fazem o preenchimento da confirmação do nome na lista dos profissionais para o evento, assinam sua presença e recebem a camisa e a gravata. Durante os anos que se seguiram, esse procedimento, dependendo do evento, sempre foi um momento tenso, pois muitas vezes são convidados mais seguranças que o número de vagas para a noite ou a casa noturna, já que após a contagem dos ingressos vendidos antecipadamente, as casas eventualmente têm uma estimativa menor de público, o que ocasiona a direta diminuição da quantidade de membros da equipe, o “efetivo”. Portanto, o controle na ordem de chegada feito pelos seguranças, mais a pré-lista de nomes enviada pela empresa, somados à afinidade (peixe)⁵ com o coordenador da noite, fazem parte das mediações dos líderes na montagem da equipe para a jornada de trabalho. Particularmente, passei algumas vezes pela incômoda situação de ser recusado tendo que ir embora ou aguardar o remanejamento para outra casa noturna ou evento. Essa situação, além de constrangedora, muitas vezes faz com que profissionais retornem para casa sem nenhum dinheiro no bolso, pois, impossibilitados de trabalhar, ficam sem a escala (dinheiro) da noite. Em muitos casos, inclusive, alguns têm apenas o dinheiro para o ônibus ou o combustível de ida para o evento. Lembro que trabalhar nos eventos noturnos é um extra para os profissionais, a “escalinha” ao término do evento significa “dinheiro na mão”, o que faz muitos pagarem contas e/ou levarem produtos alimentícios ao retornarem para casa.

Nesse momento constrangedor para o agente de segurança, digo constrangedor, pois, no primeiro momento dessa relação, ele foi aceito para integrar uma equipe de profissionais através de sua disposição em ligar para empresa e reservar o evento ou por ter sido a empresa que ligou fazendo o convite, um momento de reconhecimento. No segundo momento, quando fecha a equipe da noite e mediante sua condição financeira momentânea,

4 O vigilante ou agente de segurança não é um profissional militar, no entanto, parte das técnicas e da linguagem presentes tem relação direta com o ambiente militar. Inclusive comportamentos e códigos de honra e masculinidade são externados na postura de alguns profissionais, e também nos acessórios por eles usados (lanternas, spray de pimenta, armas de choque e cintos multiusos). Estes são exceções, mas o comportamento de uma ordem militar é muito presente exaltando a masculinidade e um conjunto de técnicas e treinamento corporal.

5 Peixe é um termo utilizado para demonstrar o grau de afinidade ou amizade com o(s) coordenador(es), esta afinidade é pautada na amizade extra ambiente de trabalho, ou na relação de confiança e troca que foi construída durante os vários eventos, também algumas vezes pode ser atribuído a algum coordenador a alcunha de “Pai”, pois exerce favorecimento e influência na escolha dos melhores eventos e postos de trabalho. “Os peixes” e “os filhos” são sempre favorecidos na hora de tomar a decisão sobre qual profissional terá prioridade para trabalhar. É prática muito comum os coordenadores formarem sua equipe de trabalho com um grupo de afinidade, o que independe do tempo de serviço, experiência profissional, formação ou capital corporal (condição física e técnicas de artes marciais).

ele passa a mendigar a escala de trabalho e, além disso, muitas vezes, os coordenadores o tratam com desdém e humilhações. Mediante os protestos dos seguranças que sobram, a impessoalidade é sempre acionada pelos coordenadores, pois alegam que a decisão não é pautada em motivações pessoais e justificam sempre como sendo uma conduta errada ou equivocada da “empresa”, um ente externo que toma decisões à parte de todos. Acabam por sugerir que a crítica/cobrança seja feita na “empresa”, a qual tem seu expediente em horário comercial, o que significa o contato somente na próxima semana ou dentro de dois ou três dias. Muitos ficam aborrecidos, expressam que não seriam mais humilhados assim, que tomariam providências para não participar/prestar mais do serviço, mas, na semana seguinte, ou, no máximo dentro de duas semanas, já estão retornando ao trabalho e se submetendo novamente ao processo. Uma consequência direta em busca de evitar esse transtorno foi a atitude de muitos dos seguranças de começarem a antecipar sua chegada ao evento. Dessa forma, se a festa estava marcada com a chegada para as 20 horas, muitos começam a formar a fila por volta das 19 horas, ou mesmo antes, para evitar o corte, aumentando sua chance de trabalhar à noite, por reservarem um lugar na fila.

Na primeira noite, e como em todas as outras subsequentes, a chegada para o evento acontece sempre três horas⁶ antes das portas da casa noturna serem abertas ao público, isto no caso da equipe de segurança. Nesse período, ocorre a seleção dos profissionais, conforme a necessidade, e a posterior preleção com os procedimentos de atuação. A chegada antecipada se justifica no discurso da empresa contratante, na medida em que, por ser um trabalho temporário, nem todos têm o compromisso de comparecer. Portanto, na iminente possibilidade de haver faltas, quanto mais cedo for realizado o procedimento de seleção dos profissionais, tanto mais rapidamente será feito o contato com alguém que possa substituir em tempo hábil o faltante.

Na noite em que me apresentei pela primeira vez, fui instruído a dizer que sou indicação do Netinho,⁷ sigo as orientações e recebo o respaldo por ser indicação de alguém confiável. A mediação na indicação de profissionais demonstra ser uma prática rotineira, primeiro pela circulação de muitos profissionais, pois não são todos que aguentam e continuam na puxada rotina noturna e suas agruras, e, segundo, por funcionar como um pacto entre o que indica e o indicado, visto que o segundo tem a responsabilidade de não prejudicar o primeiro quanto às promessas realizadas pela sua indicação. Em razão de alguns momentos serem de maior ou menor procura de segurança para trabalho em eventos, algumas vezes quem indicava um colega recebia um acréscimo em sua escala. Essa ação caracteriza duas vias de acesso ao trabalho na noite, uma pela necessidade de trabalho extra por quem procura e, outra, pelo desejo de receber um pouco mais indicando um amigo. Ao ponderar, acredito que meu amigo, o Netinho, naquela primeira noite, me apresentou a uma estrutura social única para ser observada e também, para seu benefício, recebeu um acréscimo em sua escala.

6 Se o evento tem previsão de início às 23h, a equipe de segurança tem hora marcada para chegada por volta das 20h, com a necessidade de garantir lugar na fila, os seguranças se antecipam em pelo menos uma hora. Se somarmos ainda o tempo de deslocamento até o local da festa, os seguranças mobilizam meio período de trabalho formal só para esperarem e se prepararem para o efetivo trabalho.

7 Segurança casado, pai de três filhos, idade de 40 anos, natural do Rio Grande do Sul. Na época, trabalhava como operador de telemarketing. Atualmente finalizou o curso técnico de enfermagem, faz o superior em enfermagem em uma universidade privada, trabalha em um hospital na região da Grande Florianópolis e nunca fez o curso de vigilante.

Interessante perceber que as perguntas sobre a postura, porte físico, compromisso e disposição para trabalhar são proferidas constantemente de maneira repetitiva e extenuante, seja anteriormente ao evento através da pessoa que fez a indicação para o trabalho, seja posteriormente, quando já uniformizado, momentos antes do evento.

No meu caso, para minha surpresa na época, já constava que eu era alguém de confiança e com bom trato com as pessoas. Essas características pessoais me habilitavam para o contato com o público, um requisito importante dependendo do posto (local) de trabalho. Com o tempo e algumas observações, percebo que o perfil do profissional acaba por direcionar o local de atuação e a posição na hierarquia dentro do grupo de seguranças. Dessa maneira, as características comportamentais e físicas, além do asseio (cabelo cortado, barba feita, roupa limpa e passada, sapatos limpos e lustrados) no momento da seleção, podem garantir a designação de um local de trabalho com maior fluxo de clientes, valorizando a imagem da empresa contratante e da casa noturna.

As orientações iniciais sobre a noite são chamadas de preleção, um momento em que os coordenadores da segurança e os organizadores do evento (gerência da casa) passam informações sobre a festa, descrevem procedimentos e condutas. A ênfase concentra-se na postura do segurança, uma postura que deve ser ostensiva, de constante atenção, para que não sejam percebidas suas eventuais debilidades ou fragilidades. O objetivo da conversa visa ressaltar o controle da brutalidade, ou melhor, o uso da cabeça (razão) e não do corpo (força física). A figura do antigo “leão de chácara”, um profissional mais bruto e pronto a resolver as discussões no tapa, dá espaço para profissionais que façam a mediação, sejam educados para um atendimento mais pessoal ao cliente, estando dispostos a solucionar os problemas e dúvidas e não provocá-los. Esse é um movimento do mercado que exige atendimento de qualidade, além de um utilitarismo que visa evitar processos judiciais à empresa de segurança e às casas noturnas por mau atendimento e/ou por agressões físicas.

Os seguranças, que se dispõem a trabalhar na noite, em muitos casos, representam um estrato social de baixo poder econômico, baixa escolarização, que optam por uma profissão que, até aquele momento, não apresentava exigência quanto ao nível de escolarização. A maior parte dos profissionais, no entanto, realiza curso de vigilantes, trabalha registrada em empresas de vigilância onde segue o regime CLT,⁸ cumprindo escalas de trabalho fixas, mas a atuação, nas baladas, serve para complementar a renda familiar.⁹ Entre os vários profissionais de segurança atuando nas festas e eventos, encontramos pessoas que não são legalmente habilitadas, isto é, não tem o curso de vigilante e não atuam na área propriamente dita, como no meu caso. Consequentemente, nesse grupo, tem-se professores, vendedores autônomos, enfermeiros, profissionais da construção civil, garçons, estudantes universitários, mecânicos e desempregados em geral, todos com foco principal em obter uma renda extra. Nesse ponto, justifica-se a não informação de ter ou não curso técnico, pois, segundo a legislação da Polícia Federal, a empresa de segurança pode incluir até 20% de profissionais sem curso, por evento, mas, na realidade, esse número é extrapolado facilmente. Na empresa de segurança, os profissionais são diferenciados pelos termos vigilante (curso e certificado) e segurança (sem curso).

8 Consolidação das Leis Trabalhistas.

9 Todos os seguranças alegam que o valor, embora baixo, ajuda a comprar um gás, fazer a feira da semana, colocar combustível no carro, pagar contas. Em muitas oportunidades, os seguranças alegaram juntar o dinheiro para pagar o aluguel do mês, pagar pensão alimentícia e outros gastos pessoais.

Os profissionais novatos, quando “não cursados”, recebem sua escala¹⁰ (pagamento) inferior aos cursados, pois a alegação é o alto custo da formação institucionalizada, que deve ser então recompensada. Na realidade, posso ver que nem sempre essa regra é seguida, pois o aprendizado e sua efetivação são valorizados sem a dependência de uma aprendizagem situada, que não exige um certificado de habilitação, e, sim, o comprometimento e a experiência para a resolução de conflitos e tensões dentro do ambiente.

Após a apresentação na preleção, que, com o tempo, torna-se um discurso contínuo e repetitivo – o qual se faz importante para o ensino de procedimentos – os seguranças serão divididos em grupos, separados e colocados em vários postos de serviço, escolhidos previamente para a manutenção da ordem dentro do evento. O comentário que justifica a presença de seguranças é o de resguardar o patrimônio da casa noturna, bens materiais ou subjetivos que envolvem um local seguro para diversão de seus clientes. Uma parte dos profissionais será designada para a portaria, onde ficam, orientando a formação das filas, dando informações sobre compra e retirada de convites, efetuando a conferência de ingressos e a revista para evitar a entrada de arma branca, de fogo, bem como de drogas e outros entorpecentes, realizando, assim, a proteção do evento na porta de entrada. O segundo grupo irá para a pista, devendo circular pela casa noturna inibindo e dando apoio/atendimento para eventuais brigas no ambiente. Um terceiro grupo fica designado para acessos e camarotes, essa função é considerada a menina dos olhos dentro da hierarquia espacial da festa, pois são os locais onde os clientes de maior poder de consumo estarão, logo, as possibilidades de gorjetas ou presentes¹¹ pela boa atuação são mais facilmente recebidas. Os seguranças posicionados nos acessos controlam as pulseiras que são marcadoras do espaço. Nessa posição, os seguranças convivem com inúmeras propostas de suborno ou propina para liberação da entrada daqueles que estão sem pulseira. Dependendo do evento, as ofertas podem variar de R\$ 10,00 a R\$ 800,00 como já me ocorreu, mas há casos de serem ainda maiores, como disse, dependendo do evento e do motivo da festa. No geral, são clientes masculinos que fazem a oferta para permitir a entrada de amigos ou a liberação de mulheres para seu camarote. O quarto grupo é selecionado para postos de “menor” importância dentro da hierarquia da comunidade, são locais externos como controle de portões ou acessos de menor fluxo, mas de extrema necessidade de acordo com a mecânica de funcionamento. Para esses locais, são indicados seguranças que deixam o “tempo passar”,¹² de acordo com a expressão comumente usada pela gerência da casa, tais agentes são considerados “cones”, necessários para compor a equipe e incumbidos de apenas permanecer em seu posto de trabalho, pois sua simples permanência

10 Minha escala em 2009 era de R\$ 55,00 por até 12 horas de trabalho (somado todo tempo disponível à empresa, a partir da chegada até a partida para casa) que pode se estender como em inúmeros casos. Os seguranças cursados recebiam R\$ 60,00. Atualmente não cursados recebem R\$ 70,00 e cursados R\$ 80,00. Devido ao critério de antiguidade para esta temporada de 2014, meu valor já negociado é de R\$ 90,00, recebendo o mesmo e, em alguns casos, mais que os cursados.

11 Os “presentes” podem significar igualmente gorjetas pomposas, ou simplesmente significam receber um cigarro, brindes oferecidos na festa, copos promocionais, garrafas de água, latinhas de energético ou mesmo garrafas de bebidas alcoólicas não finalizadas.

12 Nessa situação, pode-se incluir agentes cansados por emendarem uma jornada dupla ou tripla de trabalho, “desalinhados” quanto à vestimenta (barba a ser feita, calça suja, sapato com cor diferente etc.), profissionais sem o perfil corporal e comportamental para atendimento direto com o público, ou também aqueles que em eventos anteriores “pisaram na bola” e são colocados de castigo ou na “geladeira”, uma categoria nativa.

no local inibe ações de clientes que venham a querer aproveitar brechas na circulação da casa noturna e seu entorno. Podemos observar que o empoderamento do uniforme não está presente só no agente que o veste, mas também no indivíduo que o vê, o que, por si só, causa limitações ou restrições de algumas ações seguindo as premissas de um contrato social. O quinto grupo é mais seletivo e com poucos profissionais, nele se encontram os coordenadores e subcoordenadores, que, dependendo do tamanho do evento e do efetivo de seguranças, podem variar de um a um grupo de dez responsáveis pelo comando, sempre com um responsável geral ou principal.

Os critérios para escolha dos seguranças para cada grupo estão pautados em características fenotípicas. Na portaria, irão os de menor estatura e mais franzinos. Para a pista, os “pitbulls”, geralmente com maior porte físico e com habilidades em luta e imobilização, são a linha de frente, são aqueles colocados para o confronto com a responsabilidade de retirar clientes encrenqueiros de dentro da casa. O grupo escolhido para o camarote possui uma distinção, pode misturar ambas as características fenotípicas, centrando destaque nas ações e no comportamento mais paciente durante situações inconvenientes, supostamente maior educação no trato e na capacidade de mediação. Características que são aprendidas pela experiência, mas a postura firme na atuação também é requisito importante.

Embora a configuração espacial do evento esteja diretamente ligada ao perfil dos profissionais, muitos descontentes com a designação de trabalho acabam por não desempenhar satisfatoriamente a solicitação. Não são poucos os casos em que seguranças são “pegos” fumando em locais próximos a clientes, compartilhando bebidas alcoólicas fornecidas por clientes, abandonando seus postos fixos para andar pela festa, há agentes que literalmente dançam em seu posto de trabalho, outros que acabam até mesmo namorando com clientes, assim como aqueles que usam de agressividade desnecessária no momento de tensão ou que consomem entorpecentes para vencer o cansaço e a sonolência. Por essa razão, as preleções são de informações rotineiras, mas principalmente de cobrança, pois um breve feedback do evento anterior sempre é feito. Os seguranças que realizam um “bom trabalho” geralmente demonstram insatisfação em ter de ouvir repetidamente as mesmas mensagens e informações, inclusive, muitos reclamam em razão da cobrança ser feita a todos e não especificamente ao “infrator”. A revolta maior aparece quando o colega que “pisou na bola” reaparece para trabalhar e ganha oportunidade em postos de prestígio dentro da equipe. Esses são casos de “peixes” ou “filhos”, pois os seguranças sem grandes afinidades são colocados na “geladeira”, em locais e eventos de menor expressão ou não recebem escalas (não são chamados) por um período. Ao contrário dos peixes ou filhos, que estranhamente reaparecem nos eventos, mesmo após quebrar as normas internas presentes no grupo.

Um espaço de socialização profissional

Pretendo apresentar um breve cenário interno do ambiente das casas noturnas. Não faço uma diferenciação arquitetônica entre elas, especificando uma casa em relação à outra, por entender que, embora sua infraestrutura apresente distinções, a sua organização e estrutura social são compartilhadas e reconhecidamente semelhantes. Assim, identifico

os elementos que compõem essa organização social, partindo primeiramente da necessidade de camarotização do espaço, isto é, de uma configuração com delimitadores de lugares, que permitem acesso restrito, que é concedido a certos clientes apenas com o uso de uma pulseira.¹³ A área do backstage e os camarotes estão posicionados em locais privilegiados circundando a pista de dança e, à medida que mantêm maior proximidade com o DJ (Disc Jockey – a atração da festa), agrega-se maior valor financeiro ao espaço. Portanto, os camarotes demarcam posições entre os frequentadores, caracterizando-se por serem locais em que uma festa particular se realiza dentro da festa tida como “pública”. Por essa razão, a balada não pode ser encarada como única para todos os participantes, pois cada um dá significado diferenciado para o momento, seja um aniversário, seja o encerramento de um curso, seja uma data importante para o sujeito e seu grupo, cada participante tem uma subjetividade intrínseca ao instante (Da Conceição 2013). Além da subjetividade que os sujeitos atribuem para o momento, os espaços são hierarquizados, segundo Foucault (1987) a disposição dos indivíduos no espaço é marcador das relações de poder. Mesmo todos compartilhando o mesmo local (casa noturna), o fato de um grupo reduzido portar pulseiras lhes dá a possibilidade de escolher estar em um determinado espaço em detrimento de outro, indicando o pertencimento daquele indivíduo a um grupo específico dentro da balada, o que define sua posição.

Em meio ao caos que o olhar à primeira vista pode sugerir, com inúmeros indivíduos curtindo o seu momento, ao fazermos a aproximação, em outras palavras, ao nos situarmos no chão da festa ou ao lado daqueles que a organizam, podemos visualizar muita ordem e controle para manter a harmonia. O controle das tensões mediante o choque das relações de poder e de hierarquias sociais presentes parece um caldeirão efervescente que se mantém por valores e convenções construídas por aqueles que compartilham o espaço e seu sistema simbólico. Por essa razão, o treinamento do segurança para festas noturnas passa por um conhecimento, em certa medida, espontâneo e partilhado por meio da experiência e vivência em cada um dos ambientes. Cada casa noturna e cada evento carregam uma singularidade, seu cenário estilizado difere, guardando uma dinâmica própria a partir dos promotores da festa, dos organizadores, do tipo de música, dos patrocinadores, dos trabalhadores e dos clientes. Essa aprendizagem da diferenciação não surge no primeiro evento, mas na construção do metier do agente de segurança, ou no que Michel Maffesoli descreve como a “ambiência englobante” (Maffesoli 2005: 107). Dessa forma, essa habilidade perceptiva permite que os seguranças “sintam o clima”, isto é, sejam capazes de diagnosticar cada evento mediante a avaliação intuitiva de variáveis como: se os organizadores estão tensos, se a noite promete muito ou pouco trabalho, se será uma noite para gorjetas, se o evento será breve com pouco público ou longo com uma grande multidão.

Devemos entender esse processo de socialização geral, que engloba toda a vida, como constitutivo dos seres humanos como seres sociais (Plaisance 2003: 2), ou melhor, profissionais.

13 A pulseira é feita de material resistente e com um lacre que permanece no braço do cliente. Nela consta o nome do espaço comprado e geralmente são diferenciadas por cores. Significam valores diferenciados para áreas exclusivas, áreas Vips, *backstage* e camarotes, também os funcionários e a imprensa quando credenciados utilizam uma para liberação de acesso. Muitas vezes os clientes tentam burlar o controle do acesso, arrancando cuidadosamente a pulseira e passando para um amigo fora do espaço, que utiliza fita adesiva ou chiclete para prendê-la no braço para enganar o agente de segurança.

A socialização profissional é um processo por meio do qual os indivíduos constroem valores, atitudes, conhecimentos e habilidade que lhes permitem e justificam ser e estar em uma determinada profissão. É um processo de concretização dos ideais profissionais. Sob um aspecto mais objetivo, a socialização profissional constitui-se no processo de traduzir em práticas profissionais os conhecimentos inerentes à profissão. E, sob o aspecto subjetivo, constitui-se na efetiva identificação, adesão à profissão e ao outro, pela compreensão do mundo no qual ele está e por tornar tal mundo o seu próprio. Muito além de qualquer circunscrição, é um modo de consolidação de uma identidade individual e coletiva (Melo & Valle 2013: 100).

Como descrito anteriormente, o primeiro momento como segurança me inseriu no grupo por meio de um convite pautado em determinadas características físicas e necessidades pessoais objetivas. Esse contato já trouxe um aprendizado inicial, que começou com várias orientações do “Netinho”, segurança experiente e, naquela época, com 3 anos de atuação. Em seguida, o discurso disciplinador contrário à brutalidade física, de domínio e controle das ações agressivas, mesmo quando a essência da função estimule certo nível de violência e firmeza nas ações. Sem estar em um espaço legítimo de aprendizagem com objetivo de aquisição de um certificado, a experiência de ouvir o discurso da comunidade começa a dar conformidade na maneira de atuar. Podemos destacar que a socialização é um deixar-se moldar, um deixar-se forjar por determinado grupo de pertença, fazendo com que as propensões individuais sejam abafadas pelas do grupo (Melo & Vale 2013: 83).

Na primeira noite, após a seleção de onde e como realizar o trabalho, os subcoordenadores têm a responsabilidade de esclarecer dúvidas e dar as orientações necessárias. Em geral, não é o que acontece, recebemos breves explicações e mais incentivo a buscar uma proatividade pessoal de ir até outros mais experientes à procura de qualificar as informações. O segurança novato deve procurar identificar os locais como banheiros, acessos de saída, procedimentos de estacionamento, pagamentos e outras orientações que, embora padronizadas, mudam conforme o evento. Para isso, deve localizar os outros seguranças, que, em muitos casos, são veteranos, assim como o colega que o trouxe, e também pode buscar informações com funcionários da casa que estão trabalhando nos bares ou como garçons.

A relação com outros seguranças se dá na medida em que acontece a interação com o grupo de mesmo perfil. Isso possibilita conversar e, sem perceber, participar da aprendizagem. O comentar sobre festas passadas, o relatar ações e procedimentos, o compartilhar parte da experiência profissional, são ações que servem para o aprendizado do novato. Ninguém fica sob tutela de um veterano específico, na verdade, a inserção na equipe o faz receber determinados privilégios e informações de como tratar determinado grupo ou cliente frequentador. De acordo com Lave & Wenger (1991), a prática improvisada cria um currículo de ensinamento¹⁴, em que, no caso, as várias experiências e postos de atuação

14 “Un *curriculum de aprendizaje* consiste en oportunidades situadas (incluyendo así ejemplares de varias clases a menudo pensados como “metas”) para el despliegue improvisado de práctica nueva. Un *curriculum de aprendizaje* es un campo de recursos de aprendizaje de la práctica diaria visto desde la perspectiva de los aprendices. Un *curriculum de enseñanza*, por el contrario, se construye para la instrucción de los novatos” (Lave & Wenger 1991: s/p.).

dentro da casa noturna promovem o aprendizado do novato até que ele atinja as posições de privilégios e/ou coordenação. Acontece, portanto, pelo tempo de serviço e vivência, um processo de construção de conhecimento e de confiança mútuo entre os colegas, que traz respaldo e empoderamento para a atuação. Trata-se de valores que, dentro de uma comunidade de prática pautada na masculinidade, são mais caros do que a simples comprovação de um currículo de aprendizagem.

Em minha primeira atuação, estive designado a um acesso controlando poucas pulseiras, passei a noite sendo vigiado de perto, para análise de minha postura frente às propinas.¹⁵ O fato de ser “jogado diretamente na fogueira”, em uma posição de importância, já na primeira noite, implica em participação como maneira de aprender, para além de só observar e repetir (Lave & Wenger 1991), o que possibilita realizar um empoderamento da cultura de prática. No dia, a avaliação foi bastante elogiada e gerou o convite de continuidade no trabalho. As noites subsequentes levaram a outros locais na organização social já caracterizada, permitindo uma visão geral, um conhecimento das sequências mais periféricas, menos intensas e complexas à medida que me possibilitaram também aprender os aspectos centrais da prática.

Depois de algumas experiências fazendo o movimento centrípeto, da periferia para o centro, passei a integrar a equipe de camarotes como “homem base”, uma designação pomposa que, na prática, significa uma posição-chave reservada a profissionais de confiança quanto à atuação. Esse fato pode levar a intrigas e ciúmes dentro da equipe entre novatos e veteranos, pois as posições são galgadas dentro de critérios internos, aceitos pelos coordenadores, mas que faz com que alguns profissionais habilitados, por vezes, não “progridam” dentro do grupo na proporção dos não habilitados. As características do aprendizado-ação se manifestam na prática da vivência e não apenas na relação assimétrica entre mestre e aprendiz (Lave & Wenger 1991). O mérito que deveria acionar os certificados e qualificações institucionalizadas não tem importância plena se comparado com a rede de laços de influência, familiar, de vizinhança ou compadrio (DaMatta 2011: 102). As características físicas, a experiência e a afinidade são mais valorizadas do que o reconhecimento institucionalizado, ganhando destaque devido às relações de parceria e honra, presentes na comunidade de prática, que é pautada em valores considerados masculinos.

Minha aceitação plena pela comunidade de prática levou alguns meses, mesmo com desempenho de acordo com o esperado pela “empresa”. As conversas e orientações sempre constantes não integravam na totalidade, nas palavras de Lave & Wenger (1991), não davam o acesso amplo à comunidade. O sentimento como pesquisador era semelhante à experiência descrita por Clifford Geertz (1989) em Bali, quando, preocupado com a não aceitação plena do pesquisador junto ao grupo e somente após fugir da polícia local correndo com os nativos, aconteceu uma mudança que marcou sua passagem de acesso ao grupo. O meu momento pessoal de passagem para a aceitação na comunidade de prática se assemelha: posso relatar que, em determinada festa, em que eu estava cuidando de um camarote mantendo uma postura ostensiva e tudo transcorria tranquilamente, já passávamos das 4 horas da manhã – momento que começa a ser mais crítico devido ao efeito do alto consumo de álcool e o uso de outras drogas pelos clientes –, começou uma briga entre dois grupos. Embora três colegas estivessem mais próximos, nenhum deles viu o início repentino da confusão, tamanha a quantidade de frequentadores na casa. Como identi-

15 Ofertas de suborno para liberação de clientes pelo acesso controlado pela pulseira.

fiquei a “peleia” rapidamente, dando o sinal e correndo para defender o cliente que era agredido, na visão da comunidade de prática, essa ação foi aceita como valorosa e permitiu certo reconhecimento. Após a situação ser contornada, esse fato foi o ponto de partida de minha aceitação no campo ou no acesso à comunidade de prática de forma mais plena. Após a ocorrência, os seguranças veteranos mais experientes vinham conversar sobre o fato, davam parabéns e ensinavam sobre procedimentos para maior proteção pessoal. No final do evento, os comentários sobre a briga repercutiam e eu estava integrado na conversa. No próximo evento, percebo uma mudança muito grande de comportamento em relação a minha presença, há maior reciprocidade, sou inserido em outras conversas, como as maneiras apropriadas de receber gorjeta; formas de agradar aos clientes; como conseguir ganhar água ou energético de clientes e garçons; dicas para vencer o cansaço, no caso, o sono; maneiras de conversação; conselhos de como manter a postura durante os ciclos¹⁶ de euforia dentro da festa; ajuda quanto à cobertura para ir ao banheiro ou para movimentar um pouco as pernas;¹⁷ o contrato implícito de proteção mútua para hora de brigas; preferência por escalas em determinadas casas noturnas; melhores postos de trabalho e a maneira adequada de lidar com cada coordenador. Esse pertencimento ao grupo é importante na medida em que “[...] la efectividad de la circulación de información entre compañeros sugiere que el compromiso en la práctica, más que ser su objeto, bien podría ser una condición para la efectividad del aprendizaje” (Lave & Wenger 1991: s/p.).

O acesso pleno e efetivo à comunidade, além de liberar para conhecer mais a fundo as relações imbricadas, também trouxe um envolvimento maior do pesquisador com o grupo. Em outras palavras, também passo a ser afetado paulatinamente pelo campo, na medida em que adquire gosto pela música eletrônica, pelo consumo de energético, o hábito de mascar chicletes, o interesse por campeonatos de artes marciais mistas e à assimilação de uma postura corporal. Esses são fatores que conformam uma identidade de grupo, uma comunidade com suas práticas que se estendem para além do meio onde são realizadas.

Basta que os etnógrafos se deixem afetar pelas mesmas forças que afetam os demais para que um certo tipo de relação possa se estabelecer, relação que envolve uma comunicação muito mais complexa que a simples troca verbal a que alguns imaginam poder reduzir a prática etnográfica (Goldman 2005: 150).

Esse movimento viabiliza ser afetado pela comunidade, bem como de afetá-la. Em outras palavras, acontece a efetivação da interiorização do processo de socialização profissional que agora pode ser observada através de sua externalização, inclusive colegas na universidade alertavam em tom de brincadeira que o pesquisador não estava trabalhando, em razão da postura corporal assumida algumas vezes reportar a atitude ostensiva. Em contrapartida, meu exemplo na atuação à noite também afetou diretamente colegas, seja

16 Os ciclos correspondem a momentos dentro da festa, o primeiro à abertura da casa onde a postura de alerta pode ser mais descontraída devido a pequena quantidade de clientes. Na medida em que o tempo passa e o consumo de bebidas alcoólicas aumenta, a atenção dobra, assim como no final da festa em que os clientes mais alterados podem facilmente provocar brigas. Portanto, saber os momentos e a postura em cada um deles faz com que o uso do corpo seja mais bem aproveitado durante as doze horas de trabalho.

17 Algumas posições como o controle do acesso podem fazer com que o segurança permaneça parado em pé por mais de 8 horas sem a possibilidade de sair, caso não conte com a ajuda de outro colega que faça sua rendição no posto/posição.

em argumentos usados com clientes, seja em estratégias para movimentação do corpo como alongamentos discretos, seja nas sugestões de otimização de procedimentos como no caso do uso das pulseiras de acesso divididas em ambos os braços. Em alguns eventos, o número de espaços vendidos e das respectivas pulseiras pode ser muito grande e, como as pulseiras são para clientes e profissionais que prestam serviço no evento, uma maneira que adotei foi colocar em um dos braços as pulseiras relacionadas aos clientes e, no outro, a dos profissionais de serviço, o que facilitava muito no instante de mostrar ou esclarecer sobre quem poderia ou não acessar determinado espaço. Esse simples procedimento, após ser questionado e divulgado, começou a ser adotado como padrão e pode ser considerado evidência de que a interação possibilita trocas impulsionadas pelo acesso e a afetação no campo, ambos tendendo a assimilar um ao outro. Não há possibilidade de se estar neutro durante a dinâmica da interação, pois esta pressupõe o princípio básico da troca constante. Se existe troca, existe movimento que pode integrar ou afastar o pesquisador de seu objeto.

Ao iniciar o trabalho como segurança, apenas me encantava perceber sua dinâmica, porém, quando começo a desejar escrever e descrever essa dinâmica, o contato com a gerência das casas noturnas e da empresa de segurança foi inevitável para marcar a relação trabalhador e pesquisador. Nesse processo, com o passar dos anos, muitos seguranças acabaram conhecendo o trabalhador e também o pesquisador, o que ocasionou um dilema como descrito por Fonseca (2010: 215): “O pesquisador anda em uma corda bamba, procurando garantir a riqueza de detalhes que mantém fidelidade ao texto etnográfico, ao mesmo tempo que exerce uma vigilância constante aos limites éticos de sua ousadia”.

Essa incursão ou dilema foi articulada pelos colegas seguranças de formas diferentes, alguns, em determinados momentos, procuravam o pesquisador para relatar as injustiças com um tom crítico a respeito da profissão, as condições de trabalho e as situações vividas. Outros encaravam como uma oportunidade de reconhecimento ou visibilidade, pois pensavam se beneficiar de alguma forma, mesmo que fosse o de marcar seu nome em uma publicação. No entanto, essa relação se tornou muito naturalizada para alguns seguranças, já para outros novatos ou mesmo veteranos que internalizaram o processo de aprendizagem, saber ou conhecer o que o outro faz fora da noite não lhes é importante. Um ponto que acredito ser relevante nessa antropologia prática, que induziu a uma maior fluidez entre o papel de segurança e o de pesquisador, reside no estereótipo – ser negro e usar uniforme de segurança atribuem categorias que remetem a um estrato social, independentemente de condições socioeconômicas e de escolarização, portanto, o personagem pesquisador era facilmente, ou melhor, antecipadamente sublimado para outro plano. Percebo, assim, que mais do que o pesquisador naturalizar os códigos e costumes do grupo, o grupo naturalizou o próprio pesquisador.

As características positivas do processo de aceitação que permitiram avançar no conhecimento sobre o campo e o metier de agente de segurança, também, definiram algumas interdições ou a necessidade de não quebrar o pacto de honra conformado no padrão a ser seguido como integrante da comunidade. Isto é, realizar denúncias sobre colegas em atos ilícitos durante o evento pode ocasionar uma “geladeira”, caso não tenha afinidade com o coordenador. Exigir condições de trabalho que sejam minimamente dignas como horários para fumar, ir ao banheiro, alimentar-se ou descansar um pouco não devem ser expressadas no grupo e principalmente próximo à gerência da casa noturna. Brigas e dis-

cussões entre seguranças não são toleradas, principalmente contra coordenadores. Em uma ocasião, fui alertado de como me comportar durante uma festa na qual começou uma pequena discussão entre clientes. Uma dupla de seguranças que estava próxima foi até a ocorrência, assim como eu, que logo me desloquei. Notei que um dos colegas seguranças nitidamente demonstrava estar embriagado. Devido a sua situação, em vez de resolver o incidente, ele provocou mais problemas, causando uma situação ainda mais grave. No final, com a chegada de outros seguranças e do coordenador, comentei que o colega demonstrava estar embriagado, o que lhe levou a ser advertido e trabalhar o restante da noite em um local mais afastado da festa. No final do evento, o colega foi informado de que eu havia confirmado à coordenação acerca da sua embriaguez e, como represália, esvaziou o pneu do meu carro para me dar um recado e lembrar sobre o código de honra. Assim, como relatado nessa situação, momentos em que outros seguranças são “denunciados” provocam uma instabilidade na comunidade, na qual cada sujeito ou grupo procura sua defesa ou a manutenção do seu status e privilégios. Além de conter clientes e os interesses das casas noturnas, os agentes de segurança devem aprender rapidamente os códigos de conduta da comunidade e promover o bom relacionamento, pois correm o risco de ser esquecidos, deixados de lado ou mesmo rejeitados para o trabalho.

Conclusão

A aprendizagem periférica legítima contribui para pensar o modo como um conhecimento é legitimado por meio da prática e não só por meio de um currículo teórico, embora também respaldado por ele. A vivência passa a ser um processo de ensino e preparação de profissionais para atuar como seguranças, embora muitos membros da comunidade de prática não saibam que, nesses momentos, estão em aprendizagem. Não obstante, discursos, práticas, conversas, comportamentos e trocas de experiências, muitas vezes não intencionais, possibilitam a formação atual dos agentes de segurança das melhores casas noturnas do Sul do Brasil. A passagem de novato para veterano com acesso pleno à comunidade de prática requer um currículo de ensinamento, um processo mediado por relações, conhecimentos e comportamentos construídos durante a dinâmica dos eventos. O mérito pessoal dentro de um conhecimento e certificações mais institucionalizadas são facilmente superados pela rede de laços de influência. A afinidade, as características físicas e a experiência profissional são critérios importantes acionados por coordenadores no momento da montagem do efetivo, da equipe de segurança.

A experiência da passagem de novato a homem base (veterano), possibilitou oportunidades de subcoordenação e coordenação de eventos menores como casamentos, aniversários e outras festas particulares. Dentro da escalada na hierarquia dos seguranças, novas oportunidades são sempre apresentadas, as quais não surgem com base na aprendizagem situada, dadas em cursos e palestras específicas para o segmento, na verdade, são mobilizadas na medida da assimilação de participação durante a troca constante de conhecimento no decorrer dos inúmeros eventos noturnos.

O metier do agente de segurança, embora reconhecidamente marcado na expressão corporal, envolve muito mais do que a postura ostensiva, o ethos é internalizado paulati-

namente por meio da troca e da interação constante entre colegas e clientes que participam dos eventos. O conceito de socialização profissional instaura subsídios para a melhor compreensão do processo contínuo de assimilação da moral e dos códigos presentes nos momentos festivos em casas noturnas. Dessa maneira, podemos identificar que a socialização profissional acontece de maneira espontânea, ligada a uma instituição em um tempo, um espaço e segundo os grupos sociais (Plaisance 2003: 5).

Encerro o breve relato argumentando que o currículo de aprendizagem institucionalizado é superado pelo currículo de ensinamento, que, por sua vez, é deslegitimado no espaço em que os títulos são valorizados, isto é, junto à legislação. No entanto, o trabalho desenvolvido com base no currículo de ensinamento, valorizado dentro da comunidade de prática, não restringe ou limita a atuação do profissional, na verdade, ele garante respaldo para o desenvolvimento do trabalho exigido para o agente de segurança.

Referências

- AGUIRRE, Ángel B. 1997. "Etnografía". In: _____, Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural. México: Alfaomega Grupo Editor.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 2000. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever". In: _____, O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp.
- DA CONCEIÇÃO, Daniel M. 2013. "Marretadas repetitivas: a continuidade e a remodelação de valores sociais em três casas noturnas de Florianópolis". *Mosaico Social*, 6:300-317.
- DAMATTA, Roberto. 1997. "Sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil". In: _____, Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco. pp. 179-248.
- _____. 2011. *Explorações: ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DUBAR, Claude. 1997. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto/Portugal: Porto Editora.
- ELIAS, Norbert. 2001. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FONSECA, Claudia. 2010. "O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'". In: P. Schuch, M. Vieira & R. Peters (orgs.), *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: EdUFRGS. pp. 205-227.
- FOUCAULT, Michel. 1987. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- GOLDMAN, Márcio. 2005. "Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia". *Cadernos de Campo*, 13:149-153.
- GHASARIAN, Christian. 2008. "Por los caminos de la etnografía reflexive". In: C. Ghasarian et al., *De la etnografía a la antropología reflexive: nuevos campos, nuevas practicas, nuevas apuestas*. Buenos Aires: Del Sol. pp. 9-42.

- GEERTZ, Clifford. 1989. “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de gaios balinesa”. In: _____, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editoras SA. pp. 278-321.
- GROSSI, Miriam Pillar. 1992. “Na busca do ‘outro’ encontra-se a ‘si mesmo’”. In: _____, *Trabalho de Campo e Subjetividade*. Florianópolis: PPGAS/UFSC.
- LAVE, Jean; WENGER, Etienne. 1991. *Aprendizaje situado: participación periférica legítima*. New York: Cambridge University Press. Tradução de Miguel Espíndola e Carlos Alfaro.
- MAFFESOLI, Michel. 2005. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina.
- MELO, Marilândes Mol Ribeira; VALLE, Ione Ribeiro. 2013. “Socialização e socialização profissional: interface entre forjar e negociar outro ser”. *Roteiro*, 38:79-102.
- PLAISANCE, Éric. 20013. “Socialização: modelo de inclusão ou modelo de interação?”. *Revista PerCursos*, 4(1):177-193.
- VELHO, Gilberto. 1997. “Observando o familiar”. In: _____, *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. “O desafio da proximidade”. In: _____, *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- VIRGÍLIO, Jefferson. 2014. “A prática e a experiência etnográfica”. *Revista Periódicus*, 1(1).

Recebido em 20 out. 2015.

Aceito em 5 out. 2016.